

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

PÁGINAS INÉDITAS DE FÉLIX ALVES PEREIRA.

(sem indicação de autor)

Ano: 1938 | Número: 48

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Páginas inéditas de Félix Alves Pereira. *Revista de Guimarães*, 48 (4) Out.-Dez. 1938, p. 277-282.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Páginas inéditas de Félix Alves Pereira

(Continuação de pág. 150)

2. Aparelho exterior e interior das paredes: espessura, revestimento

A disposição das pedras que constituem as paredes das habitações castrejas é um dos factos mais característicos da época em que foram construídas, porque só nelas se encontra o correspondente aparelho.

Em uma casa de Briteiros, as pedras, de forma alongada, junto ao solo foram cravadas ao alto, mais ou menos obliquamente, mas conservando a verticalidade do plano externo; êsse é o aspecto exterior, como se vê na fig. 5, que desenhei à vista. Interiormente, a espessura da parede via-se preenchida com pedra miúda e argamassa. Não parece que êste sistema desse maior solidez às paredes; era por assim dizer um revestimento sem travação. Contudo, em um muro de suporte na citânia de Sanfins, como veremos, as pedras, embora sejam relativamente pequenas e irregularmente poligonais, são colocadas desde o solo em fiadas que formam com aquele um ângulo oblíquo.

O aparelho interno das paredes das habitações era livre ou irregular, mesmo quando exteriormente se empregasse o reticulado. Junto uma vista interna da parede de uma casa circular do castelo de S. Miguel-o-Anjo, de Azere, que é um castro, como demonstrei no *Arqueólogo Português* (vol. I, pág. ...). A fig. é inédita. Em todó o caso nesta estação encontrei para-

lepípedos de pedra a que atribuí a função de juntoiros. Mas M. S., nas *Observações*, contesta êste facto.

O processo parece que se encontra já nas muralhas da 1.^a povoação de Tróia (séc. XX a. C.), segundo Perrot & Chipiez (vol. VI, ...).

M. Sarmiento, nas *Observações à Citânia* (pág. 10), diz que em duas casas circulares e uma quadrilonga, as pedras quadriláteras que compõem o aparelho têm pouco mais de palmo de largo; o comprimento é variável, mas não excede palmo e meio; essas pedras são colocadas obliquamente, a superior tem sempre a

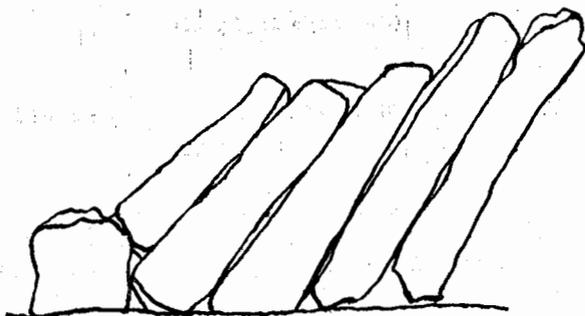


Fig. 5

mesma largura da inferior e seguem tôdas e sempre na mesma direcção obliqua, de modo que as fiadas formam uma espiral desde a base ao tecto.

Algumas casas, continua M. S. adiante, têm uma primeira fiada de pedras postas ao alto (é a minha observação supra), que medem às vezes mais de um metro. Pedras de travacção é raro encontrar; são duas fôlhas, sendo a interior de pedras pequeníssimas; a argamassa é barro ou terra. Em uma das minhas fotografias da Citânia vêem-se estas referências na sua realidade; o aparelho exterior de pedras em hélice; a primeira fiada de pedras altas; e o aparelho interior, irregular. Na *Renascença* (.....) pode ver-se uma gravura com aparelho poligonal.

A mesma observação das pedras das casas circulares serem no geral rectangulares e colocadas com o ângulo para baixo, donde resultava o aspecto helicoidal do aparelho, fiz eu na minha visita ao castro de

Santa Luzia, em 14-IX-1894. Ai vi tôdas as paredes argamassadas. Aquelas pedras eram, portanto, exteriormente trabalhadas com ferramenta.

Quanto ao aparelho, a coincidência do empregado nas nossas citânias com o da Etrúria estava longe de ser completa, se alguma havia. Martha (*L'Art étrusque*, pág. 141) diz que ali o aparelho das moradas era poligonal e originariamente devia ser considerado como uma tradição oriental, pois que o adoptavam antes do contacto com os romanos. Além dêsse aparelho, usavam também o quadrangular irregular e regular, preferindo aquele em que as pedras se alternavam em filas pelos topos e pelos lados maiores.

Em Montelius (*La civil. prim. en Italie* (p. 409, pl. 107) vejo também o modo de construir com duas fôlhas; a cantaria, exteriormente, e a alvenaria miúda, dentro do edificio.

P. Paris e E. Cartailhac reconhecem também o aparelho exterior em espiral e o interior de pequenas pedras.

Na Citânia de Sanfins, o aparelho, das paredes, pelo lado interno das habitações, é de pequena alvenaria; pelo lado externo, as primeiras pedras são quasi sempre cravadas no chão. Excepcionalmente em uma casota, em que parece que as paredes suportam a terra exterior, são também cravadas no solo as primeiras pedras.

De uma visita que em 14-IX-1894 fiz à estação de Santa Luzia, recolhi, quanto a aparelho das casas, as seguintes impressões: são construídas de alvenaria argamassada, que externamente revelam maior perfeição, sendo as diferentes pedras, geralmente rectangulares, colocadas não em leitos horizontais, mas com um ângulo voltado para o solo, dando esta disposição em resultado o aspecto helicoidal; nos restos de muralhas, que observei, a alvenaria é de leitos horizontais e elementos de tôdas as dimensões, não se produzindo, portanto, aquela aparência helicoidal.

L. Siret, explorando a estação de Ifre e outras, que eram verdadeiros castros defendidos por muralhas e habitados, encontrou casas formadas por paredes de pedras miúdas em camadas ou leitos irregulares, assentes em argamassas terrosas, com aparelho grosseiro,

algumas vezes revestido de um induto de lama (*Les premiers âges du métal*, pág. ...).

Muitas casas de Briteiros e em geral dos nossos ópidos não têm outro aparelho, e contudo as estações do SO de Espanha eram das 1.^{as} épocas do metal e as nossas atravessaram a civilização do ferro, atingindo a romana. Vinha pois de bom passado o sistema construtivo das habitações castrejas.

Donde se pode concluir que esta singularidade do aparelho das paredes de habitações tinha um fim determinado, que não seria tanto a elegância da construção como a sua melhor solidez.

3. Altura das casas e seus vestíbulos

A altura das habitações castrejas, tanto em Sabroso como na Citânia, só hipoteticamente se pode vislumbrar, visto que naqueles dois povoados não se encontraram senão paredes em ruína ou incompletas. O que o nosso raciocínio nos sugere é que elevada altura não podiam atingir, porque a estrutura das paredes era desligada, apesar da argamassa de barro, ainda em uso nas construções económicas do Norte. Mas a presença observada de tranqueiros no seu lugar e mesmo de cornija, em Sabroso, mostra que as casas eram de pedra de alto a baixo e não como as de Santa Olaia, parte de pedra e parte de madeira.

Nas *Observações à Citânia*, M. Sarmento, referindo-se à reconstrução que tinha feito de uma casa de Sabroso, confessa que tinha errado em dar às casas circulares altura igual ao diâmetro; sem dúvida eram mais baixas. Esta correcção ao seu próprio juízo proveio-lhe, podemos pressupô-lo, de maior número de observações feitas durante as suas escavações. No *Museu de Guimarães* existe a reprodução de uma habitação sabrosina. Quando eu visitei este museu (Entrudo de 1909) a altura desta reconstituição era de 2,10 apenas, dimensão inferior, creio, aos menores diâmetros das casas. Presumo, pois, que esta reprodução representa já a opinião consolidada de M. Sarmento. Nesta mesma sua obra, o autor diz que o diâmetro das casas circulares é sem grandes diferenças, no geral, de 4,77.

Contudo E. Cartailhac (*Les Ages Préhistoriques* etc.), escrevendo de Sabroso, informa que o diâmetro das casas circulares variava de 3,50 a 5,27.

Nas ruínas, as paredes soterradas tinham menos de 1 metro; quando eram protegidas por um tableiro superior de terra chegavam a ter 2 metros e mais nas costas.

Em umas ruínas, a que já me referi, existentes nas encostas do castro de Cendufe (Arcos de Valdevez), e que constituíam uma habitação circular castreja, embora aproveitada, a altura das paredes era de 3,80 e parecia conservarem a primitiva altura, que muito pouco diferia do diâmetro, que era de 3,60.

No castro de S. Miguel-o-Anjo, que explorei em 18.., a casa soterrada que descobri da terra que a preenchia tinha a parede posterior protegida pelo corte da vertente do castro; a altura dessa parede era aproximadamente de ..., enquanto o diâmetro da habitação era de

Santos Rocha calcula a altura total das habitações do castro de Santa Olaia em 3,20 (*Povoados de Santa Olaia*, ...).

L. Siret também não menciona alturas de paredes encontradas superiores a 1,60; sôbre a altura total apenas diz que não podia ser grande, visto ser precária a sua resistência. Isto a propósito da estação de Ifre; na de Campos a maior altura encontrada foi de 1,50, mas aqui calcula que a altura das paredes exteriores seria de 3,50 (*Les premiers âges du métal*, ...).

Se a altura das habitações castrejas está sujeita a dúvidas, no que respeita a uma determinação de certo rigor, a altura dos vestibulos é ainda problema mais sujeito a hesitações. Refiro-me a verdadeiros vestibulos, isto é, a recintos cobertos dependentes das habitações e encostados a elas.

Entre as pedras que constituem o espólio arquitectónico dos castros, e que podem reputar-se como utilizados nestes vestibulos para servirem de suporte a uma cobertura ou telhado de vestibulo, só conheço uma de forma de pilar prismático, ornada de labores característicos nas suas quatro faces. Esta alta raridade pode explicar-se, ou porque as paredes dos vestibulos chegavam à cobertura, ou porque sôbre essas

paredes, neste caso de muito pouca altura, se levantavam espeques ou prumos de madeira que por sua vez sustentavam a cobertura. No lugar próprio estudaremos estes pilares de pedra: a pedra a que me refiro é um fragmento com a altura de 0,60. Nenhuma conclusão posso daqui tirar para o cálculo da altura dos vestibulos.

Da planta das diversas ruínas encontradas nas duas estações vimaranenses é que se deduz a existência de recintos descobertos ou de vestibulos cobertos. Quanto ao alçado, a hipótese que proponho da aplicação e aspecto destas construções tem alguma base de probabilidade.

Em mais do que um ponto, temos visto e continuaremos a ver as flagrantes analogias entre a arte e etnografia dos castros e idênticas manifestações itálicas da idade do ferro. Já no I, 1 me referi a um túmulo (e escuso de insistir no paralelismo que se observa em todos os tempos entre a morada dos vivos e a mansão dos mortos) aberto em rocha na província de Norchia (Montelius, *loco cit.*, ...). Na fachada dêsse túmulo um alpendre de frontão triangular, que sobrepujava uma arquitrave de tríglifos, apoia-se em 4 colunas baixas, situadas 2 ao meio e a ladearem a entrada e outras 2 nos ângulos; essas colunas poisam num estilóbato, que nas construções castrejas é representado pelas paredes de alvenaria ainda existentes nos vestibulos. Aqueles elementos architectónicos seriam representados, os da entrada, pelos pilares de Cendufe, e os dos ângulos por outras pilastras lavradas como outra de Cendufe e, levando mais longe a hipótese, a arquitrave por pedras análogas à de Vermoim. Isto implicava uma cobertura de duas águas sobre o vestibulo, como no túmulo de Norchia.

O que até agora já pode notar-se é que o aspecto das habitações castrejas do NO de Portugal era diferente do de estações sincrónicas da península e até do próprio país, como as do castro de Olaia.

(Continua).